



ABIL-
Lusitanists

LEVERHULME
TRUST

Chamada de comunicações:

‘Lusoecologias: complexidade, agência e resistência mais-que-humanas no Antropoceno lusófono’
30-31 março 2023

Convidam-se expressões de interesse para participação num simpósio de dois dias, previsto para março de 2023 na Universidade de Oxford, com vista à publicação de uma coleção editada sobre ‘Ecologias Lusófonas’. Pretende-se que este seja o primeiro passo decisivo de um projeto colaborativo de pesquisa que situará os Estudos Ambientais e a Ecocrítica dentro do âmbito dos Estudos Lusófonos e da literatura em geral.

As crises antropogênicas da mudança climática, do colapso ambiental e da perda de biodiversidade tornam este o momento ideal para uma consideração aprofundada das contribuições únicas oferecidas pelas culturas lusófonas quanto ao enfrentamento de questões ecológicas.

Nosso objetivo é fomentar discussões sobre como obras em língua portuguesa (textos literários e filosóficos, filmes e televisão, artes visuais, projetos ativistas, entre outros) podem ilustrar complexidades, agências, resistências e materialidades animais, vegetais e mais-que-humanas. Em particular, desejamos promover discussões que incluam todo o mundo lusófono, conectando o Brasil, a África Lusófona, Portugal e os variados espaços lusófonos na Ásia. Também incentivamos perspectivas comparatistas que conectem e contrastem textos, artefatos e espetáculos lusófonos com outras línguas e espaços geográficos.

O mundo lusófono é rico em conhecimentos sobre o mundo mais-que-humano que merecem a nossa atenção: a compreensão de Fernando Pessoa, na voz de Alberto Caetano, de que “a natureza é partes sem um todo”; a comunhão com a barata na obra de Clarice Lispector; as encarnações felinas de esperança e memória nos quadros de Tamikuã Txihí; o olhar aviário no cinema de João Pedro Rodrigues; as espectrais presenças caninas na prosa de Pepetela. Inspirando-nos na noção feminista de “revisão”, elaborada por Adrienne Rich, que concebe o ato de “entrar num texto antigo a partir de uma nova direção crítica” como nada menos do que “um ato de sobrevivência” (2001:11 [tradução nossa]), o nosso simpósio aspira à criação de um método *ecológico* equivalente, que permita re-ler textos canônicos do mundo lusófono.

Este novo foco sobre o mais-que-humano pode nos ajudar a desaprender as presunções antropocêntricas em que estamos mergulhados e a desvendar lições esquecidas sobre

ecologia. Ao mesmo tempo, esperamos que os participantes do nosso simpósio possam contribuir com novos textos, projetos e recursos criativos de vertente ecológica que dialoguem com o mundo lusófono.

Entre outros eixos temáticos, o simpósio ‘Ecologias Lusófonas’ abordará as consequências do imperialismo português e da escravidão – em particular, a repressão e a resistência de cosmovisões animistas de povos originários do Brasil e da África Lusófona, e como esses processos geraram representações, reflexões e narrativas sobre elementos mais-do-que-humanos no mundo lusófono. Valendo-se de sua conveniente posição geográfica para legitimar suas ambições imperialistas, Portugal desempenhou um papel decisivo no advento global do plantationoceno. Começando pelas ilhas próximas às costas europeia e africana, os portugueses foram pioneiros no estabelecimento de sistemas de plantações sustentados pelo trabalho forçado, um modelo de crescimento capitalista que seria posteriormente exportado ao ‘Novo Mundo’, e que inspiraria outras potências coloniais, tais como a Espanha, os Países Baixos, a Grã-Bretanha e a França. Recentemente as conexões entre escravidão, colonialismo e degradação ambiental passaram a ser estudadas em profundidade por acadêmicos de países do norte, embora vozes de países do sul venham denunciando o ecocídio como um dos aspectos mais destrutivos da escravidão e do colonialismo há muito tempo. A destruição ambiental predatória foi ativamente impulsionada pela cosmovisão ocidental, que sempre foi e continua sendo extrativista. Malcom Ferdinand descreve esse modelo como uma “ocupação colonial da Terra” (2019: 298 [tradução nossa]), em que elementos mais-que-humanos são vistos como produtos disponíveis para uso e objetos inanimados, passíveis de serem destruídos, explorados e dominados para satisfazer interesses coloniais e imperiais.

@s participantes do nosso simpósio poderão considerar como as culturas lusófonas abordam quaisquer imperativos ecológicos, incluindo (entre outros):

- Re-conceitualização da relação que os seres humanos estabelecem com o mundo mais-que-humano;
- Desconstrução das jaulas conceituais em que todos os animais, incluindo os humanos, estão confinados;
- Rotura das divisões humano/animal, humano/planta e humano/não-humano;
- Resistência contra a homogeneização, por meio da representação das complexidades mais-que-humanas;
- Pensamento e sentimento des-antropocêntricos;
- Investigação da polivocalidade do mundo (por ex. o modo como artistas, pensadores e ativistas escutam a expressividade do mais-que-humano como agente ativo autônomo);
- Abordagem dos impactos ecológicos causados pelo imperialismo português;
- Resgate e compartilhamento das epistemologias, cosmovisões e saberes de povos originários, que oferecem visões e ontologias alternativas da vida.

Estamos particularmente interessados em receber propostas de pesquisadores e estudantes de pós-graduação. Graças ao financiamento da **ABIL** (Associação de

Lusitanistas Britânicos e Irlandeses) e do **Leverhulme Trust**, dispomo-nos a custear os valores de transporte e hospedagem em Oxford para palestrantes que morem no Reino Unido. O simpósio será totalmente híbrido e encorajamos a participação *online* de palestrantes que morem fora do Reino Unido, expandindo assim a nossa acessibilidade a acadêmicos de diferentes partes do mundo, ao mesmo tempo em que minimizamos a pegada de carbono do evento. Pelo mesmo motivo, e também como gesto ético, as refeições para participantes presenciais serão veganas.

As propostas de comunicação, que deverão incluir título e resumo de 250-500 palavras, bem como uma biografia breve de aproximadamente 100 palavras, devem ser encaminhadas para lusoecologies@gmail.com até dia 30 de novembro de 2022. (Também ficamos à disposição para responder a quaisquer dúvidas neste endereço de e-mail). Espera-se que @s participantes do simpósio façam comunicações de 15-20 minutos, em inglês ou português, que poderão ser transformadas em capítulos da coleção editada *Lusoecologias*. Pedimos o favor de indicar no e-mail se preferem participar *online* ou de forma presencial.

NB. Para aumentar as possibilidades de um engajamento construtivo por parte dos organizadores e dos outros participantes, @s palestrantes selecionad@s deverão produzir resumos mais longos (de cerca de 1000 palavras), que serão distribuídos em fevereiro de 2023, um mês antes do simpósio.

Organizadores:

Dorothee Boulanger, Leverhulme Early Career Fellow and Junior Research Fellow at Jesus College, University of Oxford

<https://www.mod-langs.ox.ac.uk/people/dorothee-boulanger>

Andrzej Stuart-Thompson, DPhil Student at Jesus College, University of Oxford

<https://www.mod-langs.ox.ac.uk/people/andrzej-stuart-thompson>

Bibliografia sugerida:

Stacey Alaimo, *Undomesticated Ground: Recasting Nature as a Feminist Space* (London: Cornell University Press, 2000).

Karen Barad, 'Nature's Queer Performativity', *Qui parle*, 19 (2011), 121-58.

Rosi Braidotti, *The Posthuman* (Cambridge: Polity Press, 2013).

Eric C. Brown (ed), *Insect Poetics* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006).

Leigh Brownhill et al. (eds), *The Routledge Handbook on Ecosocialism* (Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2021).

Lawrence Buell, 'Ecocriticism: Some Emerging Trends', *Qui parle*, 19 (2011), 87-115.

Marisol de la Cadena and Mario Blaser (eds), *A World of Many Worlds* (Durham: Duke University Press, 2018).

Matthew Calarco, *Thinking Through Animals: Identity, Difference, Indistinction* (Stanford: Stanford University Press, 2015).

— (ed.), *Animal Studies: The Key Concepts* (Abingdon, Oxon: Routledge, 2021).

Mel Y Chen and Dana Luciano (eds), 'Queer Inhumanisms', *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 21. 2-3 (2015).

Josephine Donovan, *The Aesthetics of Care: On the Literary Treatment of Animals* (New York: Bloomsbury Academic, 2016).

- Monica Gagliano, John C. Ryan, and Patrícia Vieira, *The Language of Plants: Science, Philosophy, Literature* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017).
- Malcom Ferdinand, *Une Écologie Décoloniale : Penser L'écologie Depuis Le Monde Caribéen* (Paris: Éditions du Seuil, 2019).
- Malcom Ferdinand, *A Decolonial Ecology: Thinking from the Caribbean World, Critical South* (Cambridge: Polity Press, 2021).
- Amitav Ghosh, *The Great Derangement: Climate Change and the Unthinkable* (Chicago: The University of Chicago Press, 2017).
- Amitav Ghosh, *The Nutmeg's Curse: Parables for a Planet in Crisis* (London: John Murray Publishers, 2022).
- Lori Gruen (ed.), *Critical Terms for Animal Studies* (Chicago; London: The University of Chicago Press, 2018).
- Donna Haraway, *When Species Meet* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008).
- Isabel Hofmeyr, Sarah Nuttall, and Charne Lavery, 'Reading for Water', *Interventions. International Journal of Postcolonial Studies*, 24 (2022), 303-22.
- Graham Huggan, and Helen Tiffin, *Postcolonial Ecocriticism: Literature, Animals, Environment*. Second edn (London: Routledge, 2015).
- Cajetan Iheka, *Naturalizing Africa: Ecological Violence, Agency, and Postcolonial Resistance in African Literature* (Cambridge: Cambridge University Press, 2019), p. 211.
- Luce Irigaray and Michael Marder, *Through Vegetal Being: Two Philosophical Perspectives* (New York: Columbia University Press, 2016).
- Zakiyyah Iman Jackson, *Becoming Human: Matter and Meaning in an Antiracist World* (New York: New York University Press, 2020).
- Inge Konik, 'Ubuntu and Ecofeminism: Value-Building with African and Womanist Voices', *Environmental Values*, 27 (2018), 269-88.
- Ailton Krenak, *Ideias para adiar o fim do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019).
- , *A vida não é útil: ideias para salvar a humanidade* (São Paulo: Companhia das Letras, 2020).
- Eduardo Leão, 'Suicidal Cows and Fields of Worms: Apocalyptic Agribusiness in Brazil and Argentina', *Journal of Lusophone Studies*, 7 (2022), 144-67.
- Michael Löwy, *Ecosocialism: A Radical Alternative to Capitalist Catastrophe* (Chicago, IL: Haymarket Books, 2015).
- Patricia MacCormack, *Posthuman Ethics: Embodiment and Cultural Theory* (London: Routledge, 2016).
- Michael Marder, *Plant-Thinking: A Philosophy of Vegetal Life* (New York: Columbia University Press, 2013).
- , *The Philosopher's Plant: An Intellectual Herbarium* (New York: Columbia University Press, 2014).
- Mary Midgley, *Animals and Why They Matter* (Harmondsworth: Penguin, 1983).
- Victor K. Mendes, and Patricia I. Vieira, *Portuguese Literature and the Environment* (Lanham: Lexington Books, 2019).
- Catriona Mortimer Sandilands and Bruce Erikson (eds). *Queer Ecologies: Sex, Nature, Politics, Desire* (Bloomington: Indiana University Press, 2010).
- Evan Mwangi, *The Postcolonial Animal: African Literature and Posthuman Ethics* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2019).
- Anat Pick, *Creaturely Poetics: Animality and Vulnerability in Literature and Film* (New York: Columbia University Press, 2011).
- Luis Prádanos, and Mark Anderson, 'Transatlantic Iberian, Latin American, and Lusophone African Ecocriticism: An Introduction // Ecocrítica Transatlántica Ibérica, Latinoamericana Y Lusófono-Africana: Una Introducción', *Ecozon@*, 8 (2017), 1-21.
- Adrienne Rich, "'When We Dead Awaken": Writing as Re-Vision', in *Arts of the Possible: Essays and Conversations* (New York; London: W.W.Norton & Company, 2001), 10-29.
- Nicole Seymour, *Strange Natures: Futurity, Empathy, and the Queer Ecological Imagination* (Baltimore: University of Illinois Press, 2013).
- Farhana Sultana, 'The Unbearable Heaviness of Climate Coloniality', *Political Geography* (2022).
- Louise du Toit, 'The African Animal Other: Decolonizing Nature', *Angelaki*, 24 (2019), 130-42.
- Plumwood Val, 'Nature in the Active Voice', *Australian humanities review* (2009), 111-27.
- Patrícia Vieira, 'Rainforest Sublime in Cinema: A Post-Anthropocentric Amazonian Aesthetics', *Hispania*, 103 (2020), 533-44.